



COORDENAÇÃO GERAL DA TRADUÇÃO:

Luiz Alberto Hanns

1,65

1911-1915

VOLUME I

OBRAS PSICOLÓGICAS DE



SIGMUND

Freud

Escritos sobre a
Psicologia do
Inconsciente

Formulações sobre os Dois Princípios do
Acontecer Psíquico (1911)

Alguns Comentários sobre o Conceito de
Inconsciente na Psicanálise (1912)

À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914)

Pulsões e Destinos da Pulsão (1915)

O Recalque (1915)



IMAGO

O Recalque

1915

DIE VERDRÄNGUNG

Edições alemãs:

- 1915 • *Int. Z. ärztl. Psychoanal.*, 3 (3), 129-38.
- 1918 • *S. K. S. N.*, 4, 279-93. (1922, 2ª ed.)
- 1924 • *G. S.*, 5, 466-79.
- 1924 • *Technik und Metapsychol.*, 188-201.
- 1931 • *Theoretische Schriften*, 83-97.
- 1946 • *G. W.*, 10, 248-61.

■ **Comentários editoriais da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud***

Na Seção I da “História do Movimento Psicanalítico” (1914*d*), Freud declarou que “a teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise”; no presente trabalho, juntamente com a Seção IV do artigo “O Inconsciente” (Studienausgabe, p. 214 e segs.), ele nos oferece sua formulação mais elaborada dessa teoria.

O conceito de recalque remonta historicamente aos primórdios da psicanálise. A primeira referência publicada consta na “Comunicação Preliminar” de Breuer e Freud (*Edição Standard Brasileira*, vol. II, p. 51, IMAGO Editora, 1974). O termo “*Verdrängung*” fora empregado pelo psicólogo Herbart no início do século XIX e possivelmente chegou ao conhecimento de Freud por intermédio de seu mestre Meynert, admirador de Herbart. Mas, como o próprio Freud insistiu no trecho já citado da “História”, “a teoria do recalque, sem dúvida alguma, ocorreu-me independentemente de qualquer outra fonte”. “Foi uma novidade”, escreveu em seu *Estudo Autobiográfico* (1925*d*), “e nada semelhante havia sido reconhecido antes na vida psíquica.” Nos escritos de Freud existem vários relatos de como ocorreu a descoberta: por exemplo, nos *Estudos sobre a Histeria* (1895*d*), *Edição Standard Brasileira*, vol. II, pp. 324-6, IMAGO Editora, 1974, e nova-

mente na “História”. Esses relatos são unânimes em ressaltar que o conceito de recalque foi inevitavelmente sugerido pelo fenômeno clínico da resistência, que por sua vez foi trazido à luz por uma inovação técnica — o abandono da hipnose no tratamento catártico da histeria.

No relato feito nos *Estudos*, o termo empregado para descrever o processo não é “recalque”, mas “defesa”. No início, os dois termos foram utilizados por Freud quase como equivalentes, embora “defesa” fosse talvez o mais comum. Logo, contudo, como observou em seu artigo sobre a sexualidade nas neuroses (1906a), *Edição Standard Brasileira*, vol. VII, p. 288, em vez de falar em “defesa”, ele começou a falar em geral em “recalque”. Na anamnese do “Homem dos Ratos” (1909d), examinou o mecanismo de “recalque” na neurose obsessiva — isto é, o deslocamento do investimento emocional da idéia contra a qual haja objeções, em contraste com a expulsão completa da idéia da consciência na histeria — e referiu-se a “duas espécies de recalque” (*Edição Standard Brasileira*, vol. X, p. 196, IMAGO Editora, 1996). É nesse sentido mais amplo que o termo é usado no presente artigo, como demonstra a discussão, quase no final, sobre os diferentes mecanismos de recalque nas várias formas de psiconeuroses. Parece claro que a forma de recalque que Freud tinha em mente aqui era sobretudo a da histeria; mais adiante, no Capítulo XI, Seção A (c), de Inibições, Sintomas e Medo (1926d), ele propôs restringir o termo “recalque” a esse único mecanismo particular e reviver “defesa” como “uma designação geral para todas as técnicas empregadas pelo Eu em conflitos que possam levar a uma neurose”. A importância de estabelecer essa distinção foi depois ilustrada na Seção V de “Análise Terminável e Interminável” (1937e).

O problema especial da natureza da força motora, que permite ao recalque operar, constitui uma fonte constante de preocupação para Freud, embora quase não seja abordado neste artigo, bem como a relação entre o recalque e o sexo, relação sobre a qual ele inicialmente não tinha uma posição definida, como se lê em muitos pontos da correspondência com Fliess (1950a). Depois, contudo, ele rejeitou com firmeza qualquer tentativa de “sexualizar” o recalque. Um exame completo dessa questão (com particular referência aos conceitos de Adler) encontra-se na última seção de “Bate-se em uma Criança”, (1919e), *Edição Standard Brasileira*, vol. XVII, p. 200 e segs., IMAGO Editora, 1996. Mais tarde, em *Inibições, Sintomas e Medo* (1926d), em especial no Capítulo IV, e na parte inicial da Conferência XXXII das *Novas Conferências Introdutórias* (1933a), ele lançou nova luz sobre o assunto ao argumentar que o medo não era, como sustentara antes e como afirma neste artigo, uma *consequência* do recalque, mas uma de suas principais forças motoras.

O destino de uma pulsão que acaba de brotar¹ [*Triebregung*] pode ser encontrar, ao longo de seu percurso, resistências que queiram impedir sua ação. Sob condições que ainda examinaremos mais detalhadamente, ela entra então em estado de *recalque*.² Claro que se, em vez de uma pulsão, se tratasse da ação de um estímulo externo, a fuga teria sido a medida mais apropriada para escapar de seu raio de ação, mas, no caso de uma pulsão, tal fuga não tem serventia, pois o Eu não pode fugir de si mesmo. Em um período posterior, o sujeito perceberá que repudiar o conteúdo da pulsão [*Triebregung*] baseando-se em um juízo de valor (condenação) pode ser uma providência eficaz. Contudo, há uma etapa preliminar à condenação da manifestação pulsional, situada entre a fuga e o repúdio condenatório: trata-se do recalque, conceito este que não poderia ter sido formulado antes da existência dos estudos psicanalíticos.

A possibilidade de existência de um recalque não é fácil de deduzir teoricamente. Por que uma moção pulsional [*Triebregung*] sucumbiria a tal destino? Aparentemente, a condição necessária para isso seria que ao atingir a meta pulsional se produzisse desprazer ao invés de prazer.³ Todavia, é difícil conceber algo assim, pulsões desse tipo não existem, uma satisfação pulsional sempre é prazerosa. Nesse caso, então, precisaríamos supor circunstâncias especiais, algum tipo de processo pelo qual um prazer obtido a partir da satisfação⁴ de uma pulsão fosse transformado em desprazer.

Para melhor demarcar o recalque, é preciso examinar algumas outras configurações pulsionais. Pode ocorrer que um estímulo⁵ exterior se internalize, por exemplo, ao corroer e destruir um órgão, e que dessa forma produza uma nova fonte de constante excitação e aumento de tensão. Ele adquirirá, assim, grande semelhança com uma pulsão. Sabemos que experienciamos esse caso como *dor*. A meta dessa pseudopulsão, no entanto, é tão-somente interromper a alteração do órgão e cessar o desprazer vinculado a essa alteração. Outro tipo de prazer, um prazer direto, não pode ser obtido pela interrupção da dor. Além disso, a dor também é imperativa, só pode ser suspensa pela ação de um agente tóxico ou pela distração psíquica.

T.1

T.2

T.3

T.4

T.5

Assim, o caso da dor não é transparente o bastante para trazer alguma contribuição ao nosso propósito.⁶ Tomemos um caso em que um estímulo pulsional como, por exemplo, a fome permaneça insatisfeito. Ele se torna então imperativo, não pode ser mitigado senão por uma ação que o apazigüe^{7, 8} e manter-se-á constantemente tensionado pela necessidade [*Bedürfnis*].⁹ Algo como um recalque nem remotamente parece entrar em questão aqui.

Portanto, decerto não haverá um recalque quando a tensão decorrente da não-satisfação de uma moção pulsional se tornar insuportavelmente grande. As medidas de defesa¹⁰ disponíveis ao organismo para lidar com esse tipo de situação têm de ser discutidas em outro contexto.

Será melhor nos atermos então à experiência clínica, conforme ela se nos apresenta na prática psicanalítica. Esta nos ensina que a pulsão que está submetida ao recalque poderia ter sido satisfeita e que tal satisfação seria, em si, sempre prazerosa; porém, ela seria incompatível com outras exigências e propósitos, e, desse modo, acabaria por gerar prazer em um lugar e desprazer em outro. Então, uma condição para que ocorra o recalque é que a força que causa o desprazer se torne mais poderosa do que aquela que produz, a partir da satisfação pulsional, o prazer. A experiência psicanalítica com as neuroses de transferência obriga-nos ainda a concluir que o recalque não é um mecanismo de defesa já presente desde a origem, que ele nem sequer pode surgir antes que uma nítida separação se tenha estabelecido entre a atividade psíquica consciente e inconsciente, e que *sua essência consiste apenas na ação de repelir algo para fora do consciente e de mantê-lo afastado deste*.¹¹ Essa concepção do recalque poderia ainda ser complementada pela suposição de que, antes que o desenvolvimento atingisse esse nível de organização psíquica, outros destinos pulsionais estavam incumbidos da tarefa de rechaçar¹² as moções pulsionais, tais como, por exemplo, o destino da transformação no contrário e o redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa.¹³

Assim, parece-nos que o recalque e o inconsciente estão correlacionados de forma tão estreita que, enquanto não tivermos aprendido mais a respeito de como se estruturam as instâncias psíquicas e sobre a diferenciação entre inconsciente e consciente,¹⁴ não poderemos proceder a um exame aprofundado da natureza do recalque, teremos de postergá-lo. Por ora, apenas podemos reunir de forma puramente descritiva algumas das características do recalque observadas na clínica, ainda que sob risco de repetir sem alterações muito do que já se disse em outro lugar.

Temos razões para supor que exista uma primeira fase do recalque, um *recalque original*,¹⁵ que consiste em interditar¹⁶ ao representante [*Repräsentanz*]¹⁷ psíquico da pulsão (à sua representação mental [*Vorstellung*])^{18, 19, 20} a entrada e

admissão no consciente. Esse recalque estabelece então uma *fixação*, e a partir daí o representante em questão subsistirá inalterado e a pulsão permanecerá a ele enlaçada.²¹ Isso ocorre em conseqüência de características dos processos inconscientes a serem discutidas mais adiante.

A segunda etapa do recalque, o *recalque propriamente dito*, refere-se a representações derivadas²² do representante recalcado ou ainda àquelas cadeias de pensamentos que, provindo de outros lugares, acabam estabelecendo ligações [*Beziehungen*]²³ associativas com esse representante. Devido a essa ligação, tais representações sofrem o mesmo destino do recalcado original. O recalque propriamente dito é, portanto, um pós-calar [*Nachdrängen*].^{24, 25} Aliás, seria incorreto se dessemos destaque apenas ao movimento de repulsão que atua a partir do consciente sobre o conteúdo a ser recalcado. Tão importante quanto isso é considerar a atração que o recalcado original exerce sobre tudo com que consegue estabelecer conexão.²⁶ Possivelmente a tendência recalcante não realizaria seu intento se essas forças não atuassem em conjunto, se não existisse algo antes recalcado e pronto para acolher o que foi repellido pelo consciente.²⁷

Entretanto, devido à importância dos efeitos do recalque verificada durante nosso estudo das psiconeuroses, tendemos a superestimar o conteúdo psicológico do recalque. Esquecemos muito facilmente que o recalque não impede o representante pulsional de continuar existindo no inconsciente, de continuar a se organizar, a formar novas representações derivadas e estabelecer ligações [*Beziehungen*]. O recalque, na verdade, só perturba a relação com um sistema psíquico, a saber, o sistema do consciente.

A psicanálise pode nos ensinar ainda outras coisas importantes sobre a ação do recalque nas psiconeuroses. Por exemplo, que o representante pulsional se desenvolve de forma mais desimpedida e com maior riqueza quando, por meio do recalque, é retirado da influência consciente. Ele então prolifera, por assim dizer, na escuridão e encontra formas de expressão extremas. Estas, ao serem traduzidas e apresentadas ao neurótico, não só terão que lhe parecer estranhas, mas também irão assustá-lo, ao lhe espelharem a imagem de uma força pulsional extraordinária e perigosa. Essa força pulsional enganosa é o resultado tanto de um desdobraimento desinibido da representação na fantasia quanto do acúmulo ocorrido quando a satisfação foi impedida. O fato de o resultado desse desdobraimento desinibido estar ligado ao recalque nos aponta em que direção devemos procurar a real significação do recalque.

Contudo, voltemos nossa atenção por um momento para outro pólo existente no recalque. Constataremos que nem sequer é correto afirmar que o recal-

T.21

T.22

T.23

T.24/SE.25

T.26

SE.27

SE.6

SE.7/T.8

T.9

T.10

SE.11

T.12

T.13

SE.14

T.16/T.17

T.19/SE.20

que mantém afastado do consciente todas as representações derivadas do recalco original.²⁸ Quando estes se afastam suficientemente do representante recalco, seja pela incorporação de deformações, seja pela interpolação de certa quantidade de elos intermediários, o acesso ao consciente fica-lhes franqueado, sem maiores restrições. É como se a resistência do consciente contra essas representações derivadas do recalco fosse uma função da distância entre elas e o originalmente recalco. Durante a prática da técnica psicanalítica, solicitamos continuamente ao paciente que produza as representações derivadas do recalco que possam, em decorrência de sua distância ou de sua deformação, passar livremente pela censura do consciente. As idéias espontâneas²⁹ que requeremos do paciente, solicitando-lhe que renuncie a qualquer idéia intencionalmente³⁰ almejada [*Zielvorstellungen*]³¹ e a toda crítica, nada mais são do que tais representações derivadas afastadas e distorcidas. É a partir delas que podemos reconstituir uma tradução consciente do representante recalco. Observamos, assim, que o paciente é capaz de produzir devaneios percorrendo uma cadeia de idéias espontâneas desse gênero até o momento em que se depara com um grupo de pensamentos cuja relação com o recalco se manifesta tão intensamente que ele se vê obrigado a voltar a repetir a tentativa de recalco. De modo análogo, os sintomas neuróticos devem ter preenchido as mesmas condições descritas acima, pois eles são os derivados do recalco que, por meio dessas formações sintomáticas, afinal conquistaram o acesso à consciência que antes lhes era negado [*versagt*].³²

Em geral, não é possível determinar até onde o grau de deformação e o afastamento do recalco precisam chegar para que a resistência do consciente³³ seja suspensa. Um sutil balanceamento opera nesse processo, cujo jogo nos fica oculto, mas que pode ser deduzido a partir do seu modo de ação: trata-se de não ultrapassar determinada intensidade de investimento no inconsciente, a qual, se for ultrapassada, fará com que o material inconsciente irrompa e varta até atingir a satisfação. O recalco trabalha, portanto, de forma *altamente individual*; cada representação derivada isolada pode ter seu destino específico; um pouco mais ou um pouco menos de deformação faz com que todo o resultado se altere. Nesse mesmo sentido, pode-se compreender também que os objetos preferidos das pessoas, bem como seus ideais, se origem das mesmas percepções e experiências que os objetos por elas mais execrados, e mais, que originalmente tais objetos se diferenciavam uns dos outros apenas por meio de pequenas alterações.³⁴ É mesmo possível, conforme havíamos encontrado na constituição do fetiche,³⁵ que o representante pulsional original tenha sido decomposto em duas partes, uma das quais sucumbiu ao recalco, enquanto o resto, exatamente por causa dessa estreita conexão, sofreu o destino da idealização.

O mesmo resultado que se obtém por um acréscimo ou um decréscimo de deformação pode ser alcançado também, por assim dizer, na outra extremidade do aparelho, por meio de uma modificação nas condições da produção de prazer-desprazer. Para tanto, foram desenvolvidas técnicas especiais cujo propósito é engendrar alterações no jogo de forças psíquico, de modo que aquilo que normalmente geraria desprazer possa, em certa ocasião, tornar-se prazeroso. Toda vez que esse tipo de técnica entra em ação, suspende-se o recalco de um representante pulsional que de outro modo seria rejeitado. Até agora essas técnicas só foram estudadas de maneira mais detalhada no *chiste*.³⁶ Entretanto, por via de regra a suspensão do recalco é passageira e ele é logo restabelecido.

Experiências desse tipo, contudo, apontam ainda para outras características do recalco que atraem nossa atenção. Ele não apenas é *individual*, conforme exposto há pouco, como também *móvel* em alto grau. Não se deve imaginar o processo de recalco como um evento único de efeito duradouro, por exemplo, como se algo que estava vivo tivesse sido abatido e daí em diante permanecesse morto; pelo contrário, o recalco necessita de um empenho contínuo de força, cuja cessação colocaria em risco seu sucesso e tornaria necessário uma nova ação de recalco. Devemos imaginar que o recalco exerce uma pressão [*Druck*]³⁷ contínua em direção ao consciente, a qual precisa ser equilibrada por meio de uma contrapressão incessante.³⁸ Portanto, a manutenção de um recalco pressupõe um dispêndio de força constante, ao passo que a suspensão do recalco significa, em termos econômicos, poupar esse dispêndio de força. Aliás, a mobilidade do recalco expressa-se também nas características psíquicas do estado de sono que possibilitam a formação onírica.³⁹ Com o despertar, as cargas de investimento do recalco,⁴⁰ que haviam sido recolhidas, são enviadas de novo.

Todavia, ao se afirmar que uma moção pulsional está recalca, na realidade muito pouco terá sido dito dela. Ela pode, sem que isso afete seu recalco, encontrar-se em estados muito diversos, por exemplo, pode estar inativa, isto é, estar pouco investida de energia psíquica, ou pode estar investida em graus alternados e, dessa forma, encontrar-se potencialmente apta para a atividade. Sua eventual ativação não terá como resultado a suspensão direta do recalco, mas, ao contrário, encetará todos aqueles processos que só cessam quando logram, por meio de desvios, forçar o acesso ao consciente. Já no que diz respeito às representações derivadas do inconsciente que não foram recalca, com frequência é a magnitude da ativação ou do investimento que decide o destino de cada uma. É um fato corriqueiro que uma representação derivada não sofra recalco, apesar de possuir um conteúdo potencialmente propício para entrar em conflito com um conteúdo consciente dominante. Isso acontece porque a representação deri-

E.28

T.29

T.30

T.31

E.32

T.33

E.34

E.35

SE.36

T.37

SE.38

SE.39

T.40

vada está representando pouca energia. O fator quantitativo mostra-se, portanto, decisivo para o conflito: assim que a representação basicamente sentida como repulsiva se fortalece além de certo nível, o conflito se atualiza, e é justamente sua ativação que traz a reboque o recalque. Portanto, no que tange ao recalque, um aumento do investimento de energia produz efeito análogo ao de uma aproximação ao inconsciente, ao passo que uma diminuição do investimento tem efeito análogo ao de um distanciamento do inconsciente ou de uma deformação. Nesse sentido, as tendências recalcentes, em vez de servirem-se do recalque, podem lançar mão do recurso de enfraquecer o aspecto incômodo.

Discorremos até o momento sobre o recalque de um representante pulsional, entendendo este último como uma representação ou um grupo de representações investido pela pulsão com certa quantidade de energia psíquica (libido, interesse). A observação clínica nos obriga, agora, a decompor o que até então havíamos considerado como homogêneo, pois nos mostra que, em paralelo à representação, entra em questão outro elemento que também representa a pulsão e cujo recalque pode ter um destino bem diferente do recalque da representação. Para esse outro elemento do representante psíquico tem sido adotada a designação de *quantidade de afeto*,⁴¹ ele corresponde à pulsão, na medida em que se desprende da representação e encontra expressão, de acordo com a sua magnitude, em processos que se fazem perceber à sensação na forma de afetos.⁴² De agora em diante, quando descrevermos um caso de recalque, precisaremos acompanhar separadamente o que, em decorrência do recalque, ocorreu com a representação e com a energia pulsional a ela aderente.

Gostaríamos muito de poder afirmar algo geral a respeito dos destinos de ambos os elementos da pulsão, mas isso só nos será possível depois de nos situarmos melhor. No que tange à *representação* [Vorstellung], podemos afirmar que, se a *representação* que representa a pulsão era antes consciente,⁴³ seu destino mais provável será desaparecer do consciente;⁴⁴ se a representação estava prestes a se tornar consciente, seu destino será ser mantida afastada da consciência.⁴⁵ Essa diferença é tão pouco importante quanto saber se convidei um hóspede indesejado a se retirar de minha sala de visitas ou de meu vestibulo, ou se sequer o deixei transpor a soleira de minha porta de entrada tão logo o reconheci.⁴⁶ Quanto ao fator *quantitativo* do representante pulsional pode ter três destinos. Basta uma simples-mirada no conjunto das experiências da psicanálise para constatar: a pulsão pode ser totalmente reprimida [unterdrückt],⁴⁷ de maneira que nada mais dela seja encontrado, ou surge como afeto com determinado colorido qualitativo, ou, ainda, é transformada em medo [Angst].^{48, 49} As duas últimas possibilidades exigem que

SE.41

T.42

T.43

T.44

T.45

F.46

F.47

SE.49

nos detenhamos com especial atenção nesse novo destino da pulsão, a *transformação* das energias psíquicas das *pulsões* em *afetos* e, em especial, sua transformação em *medo* [Angst].⁵⁰

Recordemo-nos de que o motivo e propósito do recalque era tão-somente a evitação de desprazer. Daí resulta que o destino da quantidade de afeto do representante é de longe mais importante do que o destino da representação, e que isso é decisivo para uma avaliação do processo de recalque. Se um recalque não consegue impedir que surjam sensações de desprazer ou de medo [Angst], podemos dizer que ele fracassou, ainda que seu objetivo tenha sido alcançado com relação à parcela representacional. É evidente que o recalque fracassado merecerá maior interesse do que o eventualmente bem-sucedido, o qual, em geral, escapa do alcance de nosso estudo.

Queremos agora compreender melhor o *mecanismo* do processo de recalque e, sobretudo, saber se existe apenas um processo de recalque ou mais de um e se porventura cada uma das psiconeuroses é caracterizada por um mecanismo de recalque próprio. Ao iniciarmos esta investigação, porém, logo nos deparamos com complicações. O mecanismo de um recalque só se torna acessível quando partimos de seus efeitos e o deduzimos retroativamente. Se limitarmos nossa observação somente aos efeitos que o recalque produz sobre a parcela representacional do representante, veremos que em geral o recalque cria uma *formação substitutiva*. Qual é, então, o mecanismo de tal formação substitutiva, ou existem aqui também vários mecanismos a serem distinguidos? Sabemos que o recalque deixa *sintomas* atrás de si. Será que podemos, então, considerar que a formação substitutiva e a formação de sintomas coincidem? E, se isso diz respeito ao conjunto, o mecanismo da formação de sintoma também coincide com o do recalque? Até o momento tudo parece indicar que ambos divergem por completo, que não é o próprio recalque que cria formações substitutivas e sintomas, mas que estes últimos são indícios de um *retorno do recalçado*⁵¹ e devem seu surgimento a processos inteiramente diferentes. Assim, antes de se proceder ao exame dos mecanismos de recalque, parece ser mais adequado estudar os mecanismos de formação substitutiva e de formação de sintoma.

É claro que não há lugar aqui para especulação, antes cabe uma cuidadosa análise das conseqüências provocadas pelo recalque nas diferentes neuroses. No entanto, devo sugerir que se adie também esse trabalho até que tenhamos formado uma idéia mais confiável a respeito da relação do consciente com o inconsciente.⁵² Todavia, para não deixar a presente discussão se extinguir de forma tão insatisfatória, quero antecipar que 1) o mecanismo do recalque de fato não coin-

T.50

SE.51

SE.52

cide com o mecanismo ou mecanismos da formação substitutiva, 2) que existem diversos mecanismos de formação substitutiva muito diferentes entre si e 3) que ao menos uma coisa é comum aos diversos mecanismos de recalque: o investimento da energia é recolhido (ou, quando tratamos de pulsões sexuais, a libido é recolhida).

Restringindo-me às três psiconeuroses mais conhecidas, quero mostrar ainda, utilizando alguns exemplos, como os conceitos até aqui introduzidos podem ser aplicados ao estudo do recalque. Escolherei da *histeria de angústia* [*Angsthysterie*]⁵³ o exemplo bem analisado de uma fobia de animais.⁵⁴ A moção pulsional que foi submetida ao recalque era uma atitude libidinal da criança em relação ao pai, pareada com o medo [*Angst*] que tinha dele. Depois do recalque essa moção desapareceu da consciência, o pai não mais aparece nela como objeto da libido. Em lugar correspondente ao do pai, encontra-se agora, como substituto, um animal mais ou menos adequado para servir de objeto de medo [*Angstobjekt*]. A formação substitutiva da parcela representacional^{55, 56} produziu-se pela via de um deslocamento.⁵⁷ Esse deslocamento ocorreu ao longo de uma cadeia cujas conexões⁵⁸ obedecem a certas determinações. Quanto à parcela quantitativa, esta não desapareceu, mas se converteu em medo [*Angst*]. O resultado é um medo [*Angst*] do lobo, no lugar de uma demanda amorosa em relação ao pai. Obviamente, as categorias aqui empregadas não são suficientes para explicar nem mesmo o mais simples caso de psiconeurose. Outros pontos de vista ainda precisam ser considerados.

Podemos considerar esse recalque ocorrido no caso de fobia de animais como totalmente fracassado. O trabalho do recalque consistiu apenas no afastamento e na substituição da representação, não houve êxito algum em evitar desprazer. É por isso, também, que o trabalho da neurose não pára, prosseguindo num segundo tempo para alcançar seu próximo e mais importante objetivo. O que se segue é a formação de uma tentativa de fuga, a *fobia* propriamente dita, a qual consiste em uma quantidade de evitações que devem impedir a liberação⁵⁹ de medo [*Angstentbindung*]. Um exame mais específico permitirá que compreendamos por meio de que mecanismo a fobia alcança seu objetivo.⁶⁰

Já o quadro da autêntica *histeria de conversão* obriga-nos a uma apreciação muito diversa do processo de recalque. Nesse caso, o que sobressai é o fato de que o recalque pode conseguir levar a um total desaparecimento da quantidade de afeto. O doente demonstra então em relação a seus sintomas o comportamento que Charcot designou de "*la belle indifférence des hystériques*". Entretanto, em outras ocasiões, essa repressão [*Unterdrückung*] não tem um êxito tão completo: uma parcela das sensações penosas pode prender-se aos próprios sintomas ou

F.53/SE.54

E.55/T.56

T.57

T.58

T.59

SE.60

ainda pode ocorrer que não tenha sido possível evitar uma liberação parcial de medo [*Angst*], o que, por sua vez, aciona o mecanismo de formação de fobia. O conteúdo representacional do representante pulsional foi retirado por completo da consciência; no lugar deste, como formação substitutiva — e ao mesmo tempo como sintoma —, encontra-se uma inervação ultraforte — em casos típicos, somática — e que pode ser ora de natureza sensorial, ora motora. Essa inervação ultraforte pode assumir a forma de excitação ou de inibição. Num exame mais detido, o local ultra-inervado revela-se como uma parcela do próprio representante pulsional recalcado, a qual, como por *condensação*, atraiu todo o investimento para si. Evidentemente, também esses comentários não elucidam por completo o mecanismo de uma histeria de conversão; é preciso sobretudo acrescentar o fator da *regressão*, mas este será tratado em outro contexto.⁶¹

Poderíamos considerar que o recalque da histeria⁶² fracassa por completo, pois ele só se viabiliza à custa de um enorme número de formações substitutivas; entretanto, com relação à eliminação de determinada quantidade de afeto, esta sim sua verdadeira tarefa, ele é, em regra, um sucesso absoluto. Por fim, o processo de recalque da histeria de conversão encerra-se com a formação de sintoma e não necessita mais, como ocorre na histeria de angústia [*Angsthysterie*], continuar num segundo tempo — ou, na realidade, prosseguir indefinidamente.

Na *neurose obsessivo-compulsiva* [*Zwang neurose*],⁶³ a terceira afecção que abordamos a título de comparação, o recalque nos apresenta um quadro bem diverso. Aqui ficamos inicialmente em dúvida sobre o que devemos encarar como o representante que está submetido ao recalque, se um anseio libidinal ou um anseio hostil. A incerteza provém do fato de que a neurose obsessivo-compulsiva pressupõe uma regressão, por intermédio da qual um anseio sádico entrou no lugar de um amoroso.⁶⁴ Esse impulso hostil contra uma pessoa amada é que está submetido ao recalque. O efeito, numa primeira fase do trabalho de recalque, é bem diferente do que se verifica em uma fase posterior. De início, o recalque tem sucesso absoluto, o conteúdo da representação é rechaçado e o afeto acaba desaparecendo. Como formação substitutiva ocorre uma alteração do Eu e um aumento da conscienciosidade,⁶⁵ que não podemos propriamente designar como sintoma. Aqui formação substitutiva e formação de sintoma não coincidem. Também nesse caso aprende-se algo a respeito do mecanismo de recalque. Como em todos os outros casos, o recalque efetuou uma retirada da libido, mas agora se utilizou da *formação reativa* para esse fim, intensificando um oposto. A formação substitutiva emprega, portanto, nesse caso, o mesmo mecanismo que o recalque e basicamente coincide com ele, porém se distingue temporal e conceitualmente da formação de sintoma. É muito provável que a condição que viabiliza todo o processo

SE.61

SE.62

T.63

T.64

T.65

seja exatamente a relação de ambivalência, na qual ocorre a inserção do impulso sádico a ser recalcado.

Porém, o recalque, inicialmente bem-sucedido, não se mantém. No decorrer do processo, seu fracasso fica cada vez mais evidente. A ambivalência, que permitiu que ocorresse um recalque pela formação reativa, é também o ponto por onde o recalado logra retornar. O afeto desaparecido retorna transformado em medo social [*sozialen Angst*], em medo da própria consciência moral e na forma de uma repreensão impiedosa. A representação rechaçada é com frequência substituída por meio de um deslocamento para algo menor, ou indiferente,⁶⁶ portanto, ocorre uma *substituição por deslocamento*. Contudo, em geral, há uma inequívoca tendência a restaurar a representação recalçada de forma completa e intacta. O fracasso do fator quantitativo, afetivo, que ocorre no recalque põe em jogo o mesmo mecanismo de fuga por evitações e proibições ao qual fomos apresentados na formação da fobia histórica. A representação, todavia, é rechaçada do consciente e mantida obstinadamente afastada, pois com esse afastamento se logra o travamento motor do impulso, o impedimento da ação. Assim, o trabalho de recalque da neurose compulsiva resulta numa luta sem êxito nem fim.

A partir da pequena série comparativa aqui apresentada, pode-se concluir que ainda será necessário empreender investigações mais extensas antes que possamos ter esperança de desvendar os processos relacionados com o recalque e a formação de sintomas neuróticos. O excepcional imbricamento de todos os fatores em jogo nos deixa uma única modalidade expositiva como opção: precisaremos pinçar alternadamente ora um, ora outro ponto de vista e seguir o curso de cada um só até o ponto em que sua utilização estiver nos parecendo profícua. Cada uma dessas etapas de trabalho, quando considerada isoladamente, se mostrará incompleta; além disso, não será possível evitar obscuridades onde se estiver bordejando material ainda não tratado; contudo, penso que podemos nutrir esperanças de que ao final chegaremos a uma síntese que resultará numa compreensão bastante satisfatória do conjunto.

F: notas de Freud
SE: notas da *Standard Edition*
T: notas do tradutor brasileiro
C: notas dos colaboradores brasileiros

■ 1 *Triebragung*, pulsão que acaba de brotar; Alt.: “moção pulsional”, “impulso instintual”. Obs.: Este termo é composto por duas palavras, *Trieb* e *Regung*. Sobre *Trieb*, ler “Comentários do Editor Brasileiro”, referentes ao texto “Pulsões e Destinos da Pulsão”, pp. 137-144. Quanto ao termo *Regung*: “movimento que acaba de brotar”; Alt.: “moção” ou “impulso”; Sign.: “esboço de movimento”, algo que está se manifestando ou aflorando; Conot.: momento do brotar. Obs.: A *Triebragung* por ser um movimento pulsional inicial, ainda está pouco carregada de investimento (energia ou estímulos) e, portanto, ainda não é imperativa e pode sofrer um recalque; ver DCAF.

■ 2 *Verdrängung*, “recalque”; Alt.: “repressão”; Sign.: “desalojado”, “empurrado para o lado”; Conot.: empenho de “abafar” ou “paralisar” a manifestação de uma idéia incômoda. Obs. 1: Freud combina o verbo *drängen*, “forçar passagem/empurrar”, com os prefixos *ver-*, *nach-* ou *vor-* para descrever os movimentos de “empurrar forçando” na direção do consciente ou do inconsciente. Obs. 2: *drängen* e sua substantivação *Drang* contêm um afã ou urgência por alívio; ver DCAF.

■ 3 *Lust*, “prazer”; Sign.: tem um sentido sensorial e outro motivacional: 1) sensações prazerosas iniciais que ocorrem nos e a partir dos órgãos excitados e 2) disposição, vontade, pique, ânimo. Obs.: Ambos referem-se ao que ocorre no nascedouro das sensações e diferem dos sentidos associados ao termo “prazer” em português (descargas contínuas e eventualmente gozo); entretanto, é nessa acepção de “prazer” em português que o termo geralmente é empregado e teorizado por Freud, portanto, há uma contradição entre seu uso no idioma e o emprego freudiano. Freud aborda esse descompasso entre o sentido do termo em alemão e sua descrição psicodinâmica, no texto “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, 1905, [ESB, vol. VII, p. 127]; ver também nota 4 e DCAF.

■ 4 *Befriedigung*, “satisfação”; Conot.: “apaziguamento”, “aplacamento” ou eventualmente “gozo” com caráter de alívio. Obs.: Ao empregar a composição incomum *Befriedigungslust*, Freud ressalta que nesse caso se trata de um prazer diferente dos dois primeiros sentidos citados na nota anterior; aproxima-se do sentido em português: um prazer de “alívio”, “gozo”, vinculado ao escoamento da tensão e ao apaziguamento; ver DCAF.

■ 5 *Reiz*, “estímulo”; Sign.: também “encanto” ou “irritação”; Conot.: está implícita uma relação entre a intensidade ou quantidade do estímulo e sua qualidade psíquica de prazer ou desprazer; neste sentido o *Reiz* pode referir-se a uma leve comichão que desperta o apetite, atrai e encanta (portanto, algo provocante, instigante, irresistível) ou pode remeter ao excesso de estimulação tornando-se dolorido e irritativo (portanto, algo provocativo, espicaçante), como evidentemente é o caso nesse trecho; ver DCAF.

NOTAS

T.1

T.2

T.3

T.4

T.5

- SE.6** ■ 6 [A dor e os meios do organismo para dominá-la são discutidos no Capítulo IV de "Além do Princípio do Prazer" (1920g), *Studienausgabe*, vol. 3, pp. 239-40. O tema já havia sido abordado na Parte I do "Projeto" de 1895 (1950a), na Seção VI ("A Dor"); também se faz menção a ele nos últimos parágrafos de *Inibição, Sintoma e Medo* (1926d), *Studienausgabe*, vol. 6, pp. 307-8.]
- SE.7** ■ 7 [Consta como "ação específica" na Parte I do "Projeto" (1950a [1895]), na Seção I ("Primeiro Postulado Principal: O Ponto de Vista Qualitativo").]
- T.8** ■ 8 "satisfaz" (*befriedigt*), na acepção de "apazigua", "acalma".
- T.9** ■ 9 *Bedürfnis*, "necessidade"; Alt.: "pulsão", "carência"; Sign.: refere-se à necessidade não como dado objetivo, mas como "ter necessidade de", "sentir carência"; implica a presença de um ser que sente falta de algo, portanto, tem também o mesmo caráter impelente de *Trieb* ("pulsão"), *Reiz* ("estímulo"), *Drang* ("pressão") e *Zwang* ("compulsão"). Obs.: Também pode significar "desejo" ou "vontade", o que é coerente com a polissemia de *Trieb* em alemão; ver "Comentários do Editor Brasileiro", artigo precedente "Pulsões e Destinos da Pulsão" (1915).
- T.10** ■ 10 *Abwehr*, "defesa"; Conot.: "barrar", "rechaçar ataque"; evoca a não-resolução do ataque sofrido e apenas barrado; ver DCAF.
- E.11** ■ 11 [Uma modificação dessa fórmula encontra-se em "O Inconsciente" (1915), *Studienausgabe*, vol. 3, p. 161.]
- T.12** ■ 12 Obs.: Aqui Freud emprega o termo *Abwehr*.
- T.13** ■ 13 Cf. em "Pulsões e Destinos da Pulsão" (1915), p. 152
- E.14** ■ 14 [Cf. "O Inconsciente" (1915), *Studienausgabe*, vol. 3, p. 139 e segs.]
- T.15** ■ 15 *Urverdrängung*, "recalque original"; Alt.: recalque primevo, recalque primário; Conot.: o prefixo *ur-* remete a algo ancestral e não apenas originário, primário. Obs.: Freud também designa o pai totêmico como *Urvater*, horda primeva como *Urhorde*, entre outros elementos de tempos ancestrais.
- T.16** ■ 16 *versagen*, "interditar"; Alt.: "frustrar"; Sign.: "impedir", "proibir", "negar acesso", "bloquear"; ver DCAF.
- T.17** ■ 17 *Repräsentanz*, "representante"; Alt.: "representância"; Sign.: elemento que tem a "função de estar no lugar de outro", "enviado", "delegado", "função do substituto". Obs.: Para facilitar a leitura manteve-se a tradição de traduzir *Repräsentanz* por "representante", embora se refira a uma função, e não ao elemento que exerce a função de representar outrem; ver DCAF.
- T.18** ■ 18 *Vorstellung*, "representação"; Alt.: "idéia"; Sign.: "imagem", "noção", "concepção", "visualização". Obs.: Nessa frase, *Vorstellung* foi traduzido por "representação mental", na acepção de "imagem interna", sendo de resto traduzido preferencialmente

- por "representação". Quando for traduzido por outro de seus vários sinônimos, advertir-se-á o leitor de que se trata sempre do mesmo termo *Vorstellung*; ver DCAF.
- 19 Obs.: Freud emprega uma composição com três termos, inusual em idiomas latinos: "*der psychischen (Vorstellungs-) Repräsentanz des Triebes*", literalmente: "ao representante psíquico (da representação) da pulsão", que aqui foi reorganizada em forma linear.
- 20 [Ver comentários editoriais da edição inglesa sobre o trabalho anterior.]
- 21 *gebunden*, "enlaçados"; Alt.: "ligados"; Sign.: do verbo *binden*, "amarrar", "prender", "atar", "aderir". Obs.: Refere-se ao processo de "fixação" e não tem a acepção de "interligado", "vinculado" ou "interconectado", mas, "grudado", "aderido"; ver DCAF.
- 22 *Abkömmlinge*, "representações derivadas"; Alt.: "derivados"; Sign.: "rebentos", "filhotes", "descendentes"; Conot.: evoca vitalidade e autonomia, elementos com vida própria; ver DCAF.
- 23 *Beziehungen*, "ligações"; Sign.: "relação", "correlação", "relacionamento". Obs.: Diverso de *Bindung* e *gebunden*, nota 19.
- 24 *Nachdrängen*, "pós-calar"; Sign.: ir acrescentando outros recalques; ver nota 2, sobre *drängen*, "forçar/empurrar".
- 25 [Freud também usa essa denominação em sua apresentação do processo na análise de Schreber (1911c; ver nota 24), bem como em seu trabalho sobre "O Inconsciente" (1915e; ver *Studienausgabe*, vol. 3, pp. 139 e 140). No entanto, quando retorna ao tema mais de 20 anos depois, na Seção III de "A Análise Terminável e Interminável" (1937c), ele se refere a um "recalque posterior" (*Studienausgabe*, volume complementar, p. 368).]
- 26 *Verbindung*, "conexão"; Alt.: "ligação"; Conot.: ressalta a interligação, contato ou conexão, isto é, trânsito entre as partes; ver DCAF.
- 27 [Para apresentação do recalque em duas etapas nesse parágrafo e no anterior, existem, todavia, formulações anteriores algo distintas no terceiro parágrafo da análise de Schreber (1911c), *Studienausgabe*, vol. 7, pp. 190-1, e também numa carta a Ferenczi de 6 de dezembro de 1910 (Jones, 1962a, p. 525 e seg.). Ver também um apêndice de 1914 a *A Interpretação dos Sonhos* (1900a), *Studienausgabe*, vol. 2, p. 523, nota 2.]
- 28 [O que segue agora neste parágrafo é discutido detalhadamente no Capítulo VI de "O Inconsciente" (1915e, *Studienausgabe*, vol. 3, p. 149 e segs.).]
- 29 *Einfälle*, "idéias espontâneas"; Alt.: "associação livre", "representações que ocorrem"; Conot.: idéias súbitas que ocorrem para a mente; ver DCAF.

T.19

SE.20

T.21

T.22

T.23

T.24

SE.25

T.26

SE.27

SE.28

T.29

- 30 ■ 30 *bewusst*, “conscientemente”; Sign.: aqui, na acepção de “com consciência”, “tendo ciência do que faz”; ver DCAF.
- 31 ■ 31 *Zielvorstellung*, “idéia almejada”; Alt.: “representação-alvo” ou “representação-meta”; Sign.: imagem ou representação de algo almejado; ver DCAF.
- 32 ■ 32 [Nas edições alemãs anteriores a 1924 essa oração termina assim: “(...) que, por meio dessas formações, afinal conquistou seu negado acesso da consciência”. A partir de 1924 a palavra “da” foi corrigida por “à”, o que modificou seu sentido.]
- 13 ■ 33 das *Bewusste*, “o consciente”; Sign.: aqui indica a instância psíquica; ver DCAF.
- 34 ■ 34 [Cf. p. 60.]
- 35 ■ 35 [Cf. Seção II (A) do primeiro dos *Três Ensaios* de Freud (1905*d*), *Studienausgabe*, vol. 5, pp. 63-5 e comentários a respeito.]
- 16 ■ 36 [Ver Capítulo II do livro de Freud sobre *O Chiste* (1905*c*).]
- 7 ■ 37 *Druck*, “pressão”; Conot.: “pressão”; mesma origem etimológica de *Drang*, mas não contém o afã pelo alívio, refere-se portanto somente ao pólo impelente que pressiona; ver nota 21, p. 166, e DCAF.
- 18 ■ 38 [Isso é examinado mais extensamente em “O Inconsciente” (1915), *Studienausgabe*, vol. 3, pp. 139-40.]
- 9 ■ 39 [Cf. *A Interpretação dos Sonhos* (1900*a*), Capítulo VII, Seção C, *Studienausgabe*, vol. 2, pp. 540-1. Ver “Complemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos” (1917[15]), *Studienausgabe*, vol. 3, p. 182.]
- 1 ■ 40 *Besetzung*, “investimento”; Alt.: “catexia”, “carga”, “ocupação”; “investimento de carga”, “carga de investimento”; Sign. 1: do verbo *besetzen*, refere-se à ação de “carregar”, “preencher”, “ocupar”, “colocar”, “aplicar sobre”, “depositar”; Sign. 2: *Besetzung* pode se referir tanto à ação como ao conteúdo que está sendo depositado; Conot.: evoca a reversibilidade e mobilidade da ação; ver DCAF.
- 1 ■ 41 [Expressão do período de parceria com Breuer. Cf., por exemplo, os últimos parágrafos de *As Neuropsicoses de Defesa* (1894*a*).]
- 42 *Affekte*, “afetos”; Conot.: embora aqui o termo seja usado na acepção de energia que ao se expressar na consciência adquire uma qualidade (agradável ou aversiva), em alemão o termo evoca a idéia de “excesso”, de descontrole das emoções que transbordam. Obs.: Ao longo da obra de Freud é empregado com frequência com essa conotação e ligado à irrupção de medo (*Angst*); ver p. 183.
- 43 *bewusst*, “consciente” (advérbio); ver DCAF.
- 44 das *Bewusste*, nota 30.
- 45 *Bewusstsein*, “consciência”; Conot.: não se distingue foneticamente o substantivo *Bewusstsein* (“consciência”) da composição [verbo + adjetivo] *bewusst sein*

(“estar ciente” ou “estar consciente”); o substantivo, que designa a instância, evoca a idéia de um estado provisório e dinâmico; ver DCAF.

■ 46 Esta comparação, útil para o processo de recalque também pode ser estendida a uma característica anteriormente mencionada do recalque. Preciso apenas acrescentar que necessito deixar um segurança permanente vigiando a porta proibida ao convidado, pois senão o rejeitado a explodiria. (Ver atrás [p. 181].)

■ 47 *unterdrückt*, “reprimido”; Alt.: “supressão”; Conot.: reprimir, sufocar. Obs. 1: Frequentemente adotam-se em português os termos “suprimir” para *unterdrücken* e “recalque” ou “repressão” para *Verdrängung*; preferimos reservar para *Unterdrückung* o termo “repressão”, pois há uma correspondência exata entre os dois termos, portanto, não empregamos o termo “supressão”. Obs. 2: No capítulo 7 da *Interpretação dos Sonhos* (1900) [ESB, vol. V, p. 549, nota 2], Freud diferencia *Unterdrückung* (“repressão”) de *Verdrängung* (“recalque”), o primeiro referindo-se ao esforço consciente de reprimir um sentimento consciente e inadmissível, e o segundo, ao processo pré-consciente de evitar o acesso desses sentimentos à consciência; entretanto, em geral, Freud, como nesse trecho, não diferencia ambos os termos; ver DCAF.

■ 48 *Angst*, “medo”; Alt.: “angústia” ou “ansiedade”; ver nota 49 e DCAF.

■ 49 [As opiniões modificadas de Freud a respeito deste último ponto estão expostas em *Inibição, Sintoma e Medo* (1926*d*), em particular no final do Capítulo IV, bem como no Capítulo XI, Seção (b); ver *Studienausgabe*, vol. 6, pp. 253-4 e 298 e segs.]

■ 50 Sobre afeto e medo, ver nota 39.

■ 51 [O conceito de “retorno do recalcado” aparece muito cedo nos escritos de Freud. Encontra-se já na Seção II de seu segundo trabalho sobre as neuropsicoses de defesa (1896*b*), bem como no esboço anterior a esse trabalho, enviado a Fliess em 1º de janeiro de 1896 (1950*a*, Manuscrito K).]

■ 52 [Freud executou essa tarefa na Seção IV de seu trabalho sobre “O Inconsciente” (1915*e*), *Studienausgabe*, vol. 3, p. 140 e segs.]

■ 53 *Angsthysterie*, “histeria de angústia”; Alt.: “histeria de ansiedade”; Sign.: *Angst* significa literalmente “medo”; neste sentido, a tradução poderia também ser “histeria de medo”; Conot.: *Angst* evoca uma prontidão reativa ante o perigo. Obs. 1: Strachey no vol. III, ESB, p. 113, menciona que a palavra alemã *Angst* corresponderia a *fear* ou *fright*, mas que adotou em sua tradução o termo consolidado na psiquiatria inglesa de *anxiety*. No francês adotou-se um termo também já tradicional na psicopatologia francesa da época, *angoisse*. Em português, seguindo-se a tradição inglesa ou a francesa, utiliza-se habitualmente “ansiedade” ou “angústia”; na presente tradução, por motivos apresentados no capítulo sobre os critérios que nortearam a tradução, será mantida a nomenclatura dos quadros clínicos já consolidada na terminologia psicanalítica brasileira de inspiração francesa; todavia, as ocorrências isoladas da palavra *Angst* serão traduzidas por “medo” quando esse parecer ser o termo mais adequado, sempre infor-

F.46

T.47

T.48

SE.49

T.50

SE.51

SE.52

T.53

mando-se o leitor de que palavra se trata no alemão. Obs. 2: Freud alterna a designação de *Angsthysterie* com *Phobie* ("fobia"); os sintomas que Freud descreve nos casos que designava de *Angstneurose* correspondem ao quadro hoje descrito como "síndrome do pânico"; mais sobre a tradução de *Angst* e seus termos derivados e compostos, ver ver DCAF.

SE.54

■ 54 [Naturalmente isso se refere ao caso clínico do "Homem dos Lobos" (1918*b*), que, apesar de ter sido publicado somente três anos depois do presente trabalho, já se encontrava finalizado em suas linhas gerais.]

SE.55

■ 55 [Refere-se à parcela representacional do representante da pulsão, *Triebrepräsenzanz*.]

T.56

■ 56 *Vorstellungsanteil*, "parcela representacional". Obs.: A parcela da representação *Vorstellung* é composta pelos elementos constitutivos de uma *Vorstellung* sempre ligados a imagens sensoriais (imagem visual, ou sonora, ou tátil, ou gustativa, etc.), ou seja, algo composto por uma idéia ou noção *imaginável*, portanto, trata-se da representação psíquica.

T.57

■ 57 *Verschiebung*, "deslocamento"; Conot. 1: do verbo *verschieben*; algo que desliza ou é deslizado em outra direção por vias aplainadas, de pouca resistência; Conot. 2: o deslizamento reconfigura o conjunto e eventualmente o deforma. Obs.: No contexto freudiano, remete à idéia de uma rede interligada de pontos ao longo da qual ocorre o deslizar; ver DCAF.

T.58

■ 58 *Zusammenhang*, "conexões"; Alt.: "contexto".

T.59

■ 59 *Entbindung*, "liberação"; Alt.: "desligamento". Obs. 1: Antônimo de *Bindung* ("ligação", "aprisionamento", "enlaçamento") e de *gebunden* ("ligado", "atado", "enlaçado"); ver nota 19 e DCAF.

iE.60

■ 60 [Ver "O Inconsciente" (1915), *Studienausgabe*, vol. 3, p. 141 e segs.]

iE.61

■ 61 [Isso deve ser uma referência ao trabalho metapsicológico perdido, sobre a histeria de conversão.]

E.62

■ 62 [De conversão.]

T.63

■ 63 *Zwangneurose*, "neurose obsessivo-compulsiva"; Alt.: "neurose obsessiva"; Sign.: literalmente, "neurose de coerção" ou "neurose de coação"; Conot.: *Zwang* é algo que "obriga" ou "força" e é exterior, "coação", "obrigatoriedade", "coerção". Obs.: Devido às tradições da terminologia médica da época, o termo *Zwang* foi traduzido preferencialmente por "obsessão" em inglês e "compulsão" em francês; os dois termos não correspondem ao sentido semântico de *Zwang*; "compulsão" remete à idéia de uma vontade irrefreável, "obsessão" refere-se a uma idéia fixa e persecutória; ambos os termos não permitem distinguir que o *Zwang* ("coerção") ao qual o neurótico é submetido implica o conflito entre o que o neurótico imagina ser sua "vontade" e uma

força avassaladora (*Zwang*) que se impõe, percebida como se fosse "externa" e "alheia" ao sujeito; ver DCAF.

■ 64 Nesse trecho, na *Standard Edition* há um erro de transcrição e inverteu-se o sentido, indicando que havia de início um anseio sádico que foi substituído por um anseio amoroso, o qual foi então recalçado. Freud na verdade afirma o contrário.

■ 65 *Gewissenhaftigkeit*, "conscienciosidade"; Alt.: "zelo", "cuidado".

■ 66 [Cf. Seção II (c) da análise do "Homem dos Ratos" (1909*d*), *Studienausgabe*, vol. 7, p. 97.]

T.64

T.65

SE.66